

CINEFILOS DE CARTEIRINHA

RESPONDEM

FEBRE DE CINEMA

- 1 Como e quando foi que você “pegou” a febre de cinema?
- 2 Como vive a cinefilia atualmente?
- 3 Como você compartilha e procura contagiar outras pessoas com sua febre de cinema?
- 4 Cite algumas obras-primas que você cultua e deveriam ser mais conhecidas.



Make Way For Tomorrow

André Setaro | crítico, pesquisador e professor de cinema da Universidade Federal da Bahia

1 Quando comecei a ir ao cinema nos anos 1950, já peguei uma febrícula. A febre propriamente dita veio com o entendimento do filme como expressão artística, que ocorreu com o contato com o Clube de Cinema da Bahia, liderado pelo ensaísta Walter da Silveira. Instalada a febre, ela se prolongou e eu poderia dizer que foi o cinema que me despertou para a apreciação das outras artes e o interesse por adquirir uma cultura humanista.

2 As minhas idas às salas de exibição estão cada vez mais bissextas. E o cinema não me causa mais o entusiasmo que me causava no passado. Vejo, na medida do possível, os filmes brasileiros. Não sei se por idiossincrasia ou pela passagem do tempo (estou com 60 anos), raros são os filmes atuais que me provocam emoção. Assisto aos filmes lançados em DVD, principalmente os clássicos. Gosto muito de rever.

3 Professor de cinema há três décadas, procuro passar uma *poiesis* (o que é utópico, quase) para as turmas. A rigor, cinema não se ensina, mas se pode tentar orientar os alunos. Sou contra a tendência atual de racionalização (diria até cientificação) de um filme como se ele fosse um rato a ser destrinchado num laboratório. Através de blog e colunas jornalísticas, também procuro ressaltar a importância de certos filmes, sempre tendo em vista que o cinema é uma estrutura audiovisual.

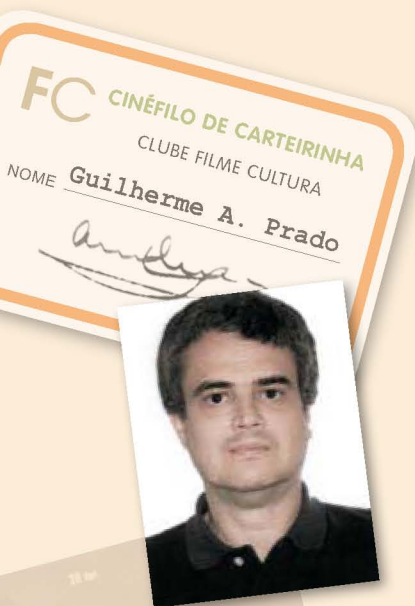
4 Três obras-primas desconhecidas que tenho em alta conta: a) *A cruz dos anos/Make way for tomorrow*, 1937, de Leo McCarey b) *Gertrud*, 1964, de Carl Theodor Dreyer c) *Assim estava escrito/The bad and the beautiful*, 1953, de Vincente Minnelli.





Gilberto Santeiro | curador da cinemateca do MAM-RJ

- 1** Através das matinês, levado pelo meu pai, pelo “cinema em casa” nos dias de aniversário, pelas sessões *Tom & Jerry* nos cines Metro, pelo filme semanal do Colégio Santo Inácio, pelo Cine Danúbio no Leme, e por fim, mas não por último, pela Cinemateca do MAM.
- 2** Com o fechamento dos cinemas de rua, vejo filme em casa, ou na Cinemateca do MAM, que dirijo com mão de ferro desde o ano 2000, com excelsa programação de 24 filmes por mês.
- 3** Nunca tentei (talvez na época de namoro), mesmo porque considero o cinema, como a masturbação, um prazer solitário.
- 4** Pergunta difícil para quem assistiu a uns 27.000 filmes e se lembra da maioria. Vamos lá: *Dog's life* (Carlitos Chaplin), *Tabu* (F.W.Murnau) e *Rio, Zona Norte* (Nelson Pereira dos Santos). Mas poderia ser também: *Beau Geste* (William Wellman), *The 3 Stooges in the haunted house* (Allan Dwan?) e *Rebelião em Vila Rica* (Irmãos Santos Pereira). Ou ainda: qualquer *Hoppalong Cassidy*, qualquer Hitchcock da fase inglesa, ou qualquer Humberto Mauro. Uma observação sobre filmes que micaram numa outra revisão: *The river* (Jean Renoir), legítima macumba pra turista (americano ou inglês?); *O eclipse* (M. Antonioni), La Vitti de zulu e a sequência da Bolsa muda em homenagem ao cabrito que morreu; *A idade da terra*: refilmar com foco e remontar com *timing*. Três micaços, ou como se dizia nos sessenta: três bodes pretos no alto da colina! De arrependidos o inferno foi atapatado.



Guilherme Almeida Prado | cineasta

- 1** Em parte foi um remédio para a solidão. Eu morei até os 14 anos numa fazenda e só quem conhece bem a natureza sabe como ela é uma ótima companheira. Ao mudar para Ribeirão Preto, em 1969, me senti terrivelmente sozinho e passei a ir ao cinema todas as tardes. Em seis meses eu já começava a escrever roteiros e imaginar filmes. Nunca mais parei, mas ainda acho que gosto mais de assistir filmes do que de filmar.
- 2** Vou muito pouco ao cinema. Vou apenas ver alguns raros filmes que realmente vale a pena ver numa tela muito grande. Montei um pequeno cineminha no meu escritório com direito a poltrona e pipoca. Ainda assisto pelo menos um filme por dia (três ou quatro nos fins de semana). Tenho uns três mil DVDs e alguns Blu-Rays. Os filmes mais raros baixo pela internet.
- 3** Tenho alguns amigos cinéfilos com os quais troco cópias de filmes, discuto Cinema e, quando querem assistir algum filme em tela grande, assistem comigo aqui no meu cineminha, mas não procuro contagiar ninguém. Cinema não é vírus, é DNA.
- 4** Hoje em dia acho difícil falar em “obras-primas desconhecidas”. Nos anos 70, se você queria ver um filme tinha que pegar dois ônibus e andar dez quarteirões até um cineclubes que ia exibir o filme apenas à meia noite. Hoje podemos ver tudo em DVD ou baixar pela internet. “Desconhecidas” revela apenas a ignorância do espectador. O que existe são alguns filmes negligenciados pelos ditos *experts* e que merecem alguma atenção. Recentemente vi *La Roue*, do Abel Gance, uma maravilha muda. Vi *Meia noite*, do Mitchell Leisen, um diretor excelente e esquecido que fez vários bons filmes. Roteiro do Billy Wilder, que dirigiu *Cinco covas no Egito*/*Five graves to Cairo*), outro filme sensacional e pouco visto. Gosto de filmes de terror como *A máscara do horror*/*Mr. Sardonicus*, do William Castle, uma delícia de trama. Os filmes dos Anos 60 e 70 me marcaram mais e não entendo porque alguns ficaram esquecidos. Filmes como: *Esse mundo é de loucos*/*Le roi des coeurs*, do Philippe de Broca, *O bosque das ilusões perdidas*/*Le grand Meaulnes*, do Jean-Gabriel Albicocco, *Cada um vive como quer*/*Five easy pieces*, do Bob Rafelson, *Ânsia de amar*/*Carnal knowledge*, do Mike Nichols, *Houve uma vez um verão*/*Summer of '42*, do Robert Mulligan, *Delírio de amor*/*The music lovers*, do Ken Russell, *Voar é com os pássaros*/*Brewster McCloud*, do Robert Altman, *Jogos da noite*/





Nattlek, da Mai Zetterling. Dois dos filmes mais bonitos que eu já vi: *Longe deste insensato mundo/Far from the madding crowd*, do John Schlesinger e *A filha de Ryan/Ryan's daughter*, do David Lean também são pouco conhecidos. *Os deuses Malditos/The damned*, é melhor que muitos Viscontis badalados. *Mercenários de um reino em chamas/Start the revolution without me*, do Bud Yorkin, uma comédia deliciosa que pouquíssima gente se lembra. Dos brasileiros, meu predileto é *O Capitão Bandeira contra o Dr. Moura Brasil*, do Antonio Calmon. E acho que a lista está ficando grande demais. Coisa de quem gosta de Cinema.

Ivana Bentes | diretora, professora e pesquisadora da Escola de Comunicação da UFRJ

1 Foi em três tempos: 1. Minha primeira lembrança é um faroeste italiano, *Django*, visto num cine poeira em Rio Branco, no Acre. Entrei no cinema pela primeira vez e vi as patas agitadas de uns cavalos em primeiro plano. De repente cortou para outra cena e eu não entendi nada e fiquei olhando para o teto, perguntando para onde os cavalos tinham ido! Minha mãe mandou eu ficar quieta! Ainda estou procurando. 2. Quando Glauber Rocha morreu, em 1981, eu estava entrando na faculdade e teve uma mostra retrospectiva com todos os seus filmes no antigo Cinema Veneza. Fomos em grupo, aquela alegria de ir ao cinema por puro prazer! E vi logo o filme *A idade da terra*. Fiquei perturbada, foi uma violência e uma emoção sem explicação. O primeiro choque. Vi todos os filmes, e isso mudou totalmente a minha ideia do que poderia ser o cinema. Foi a segunda volta no parafuso. 3. Mas a fase mais intensa de cinefilia foi entre 1984 e 1992, quando participei do cineclubes Estação Botafogo e escrevi no jornal e depois revista *Tabu*. Vi tudo que podia, cinema do mundo todo. Ia na Cinemateca do MAM, no Cineclubes Macunaíma, às vezes no Arte UFF, também no Festival do Rio, Mostra de SP. Tudo com muita intensidade.

2 Minha cinefilia migrou para os DVDs em casa. Não me sinto mais pressionada a ver os filmes nos festivais. É um massacre a quantidade de filmes em tão pouco tempo, as filas, aquele frisson não me atrai. Claro que, por viver em um ambiente cercado de pesquisadores de cinema, sites, revistas, a gente acaba “chegando” aos filmes e descobrindo alguns. Também gosto de ver os *blockbusters*. E acho decisivo escrever sobre eles, para além do cinema e da cinefilia *cult*. Hoje me interesso muito pelo campo mais amplo do audiovisual: videoarte, mídia-arte, imagens produzidas por não especialistas e não cineastas, vídeos no Youtube, remixes, cliques, me interessam as imagens ordinárias que atravessam nosso cotidiano. É aí que talvez exerça de forma plena minha cinefilia, ou melhor, iconofilia. No cinema-mundo. Fora do gueto.

3 Incorporando o cinema e sua linguagem e análise em textos não cinematográficos, nas conversas e na vida cotidiana. Na ECO/UFRJ trabalho muito com filmes. Mas a minha paixão agora, minha febre atual, são as “imagens-mundo”, circulando nas redes e TV. Pós-cinema.

4 *Detour/Curva do destino*, de Edgar G. Ulmer; *As três coroas do marinheiro*, de Raul Ruiz, *Triste trópico*, de Arthur Omar. Mas tem tantas obras-primas “desconhecidas” que cito essas três porque são afetivas. Afinal, o afeto é a base mesma da cinefilia.

João Luiz Vieira | pesquisador, professor da Universidade Federal Fluminense

1 Como multidões mundo afora: pelas mãos de minha mãe que nos levava, meu irmão e eu, ao cinema desde a tenra idade. Morávamos no Irajá, papai, motorista de caminhão, viajava por aí e nosso único entretenimento era a ida semanal ao Cine Irajá (o prédio existe, infelizmente transformado em igreja). Isso nos anos 50, quando nem sonhávamos em ter uma televisão, coisa que só foi aparecer em casa quando eu tinha uns 15, 16 anos.

2 Assistio muito em casa. Tenho um bom equipamento de alta definição e som que me proporciona uma imersão próxima da sala tradicional. Mas continuo indo ao cinema, menos do que gostaria, por razões de tempo. Compro muitos filmes, quase não alugo, até por conta da utilização em sala

de aula. A disponibilidade de títulos no mercado hoje, aqui e principalmente fora, me permite organizar cursos impensáveis anos atrás. Estou curtindo demais a qualidade do Blu-ray.

3 Sim, basta dizer que sou professor nessa área. Se eu não fosse entusiasmado com e pelo cinema, não faria o que faço. Teria outra atividade na vida.

4 Lembro de algumas coisas difíceis de serem vistas por aí, como um filme russo que vi quando criança e do qual nunca mais ouvi falar: *A flor de pedra* - talvez o primeiro filme colorido que vi na vida. É de 1946, dirigido por Aleksandr Ptushko. Depois, jovem, *Pecado mortal*, com a Fernanda Montenegro, do Miguel Faria Jr. Mais dois títulos que precisam sempre de revisão: *Fábula, minha história em Copacabana*, do Arne Sucksdorff, e o fundamental e menosprezado *Je t'aime, Je t'aime* do Alain Resnais.

Júlio Miranda | engenheiro aposentado, curador de mostras e cinéfilo

1 Morava pertinho da Praça Saens Peña, com seus seis cinemas. O início de uma sessão no Carioca e no Metro era emocionante. As luzes se apagavam, ouviam-se umas badaladas, a cortina começava a se abrir e as luzes nos cantos começavam a se acender mudando de cores – azul, vermelha, verde –, era um verdadeiro ritual. Também assistia aos filmes que passavam no auditório da Igreja São José. Mas a paixão mesmo surgiu quando entrei no cinema Pathé para ver um filme francês erótico, proibido para menores de 18 anos, idade que tinha feito recentemente. O filme era *Acosado*. Desde então, não parei mais.

2 Hoje vou pouco ao cinema, mas vejo em casa pelo menos quatro filmes por semana. Gosto de descobrir coisas novas em filmes conhecidos. Analisando um *frame* de *Rastros de ódio*, do John Ford, encontrei uma informação importante: os pais de Ethan e Aaron foram assassinados pelos comanches em 12 de maio de 1852. Fiz logo uma pergunta: Ethan foi levado pelos comanches? Isto explicaria por que ele sabe falar a língua. Mas o importante da descoberta foi entender que, para Ford neste filme, o passado e o presente não têm importância. O que conta são os personagens.

3 Abri a locadora Polytheama no dia em que Collor tomou posse, 15 de março de 1990. Tinha como sócios um engenheiro, um amigo de faculdade e o crítico José Carlos Avellar. Comecei a organizar mostras no CCB, nos Correios, em Porto Alegre, Bahia e Paraná, fiz a programação do cineclube do Castelhinho do Flamengo. Em seguida foi o cineclube do Arte Sesc, que programei durante quatro anos. Nessas sessões eu apresentava os filmes. Hoje faço a programação do Espaço Sesc Copacabana e tenho um cineclube particular que se reúne de 15 em 15 dias, há seis anos. A locadora parou de funcionar, mas continuo comprando filmes e atendendo aos amigos que fiz ao longo desses vinte anos.

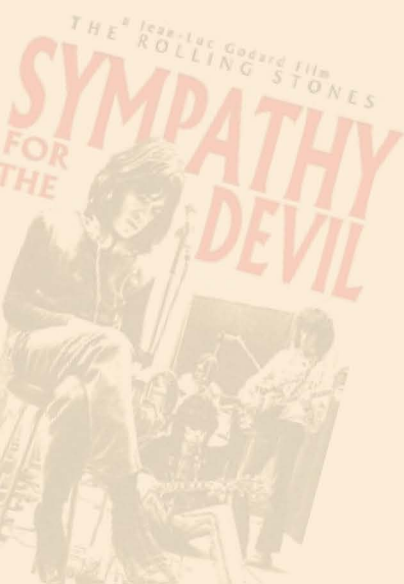
4 Vou citar três filmes de que me lembro agora. Pode ser que amanhã sejam todos diferentes: 1) *Harmonias de Werckmeister / Werckmeister Harmóniák*, Hungria, 2000. Direção Béla Tarr; 2) *Trem de sombras / Tren de sombras*, Espanha, 1997. Direção: José Luis Guerín.; 3) *Wanda / Wanda*, EUA, 1970. Direção: Barbara Loden. Por fim, gostaria de citar o Fassbinder: “Um filme não é só o que se vê, mas o que se pensa depois de assisti-lo.”

Kleber Mendonça Filho | crítico cinematográfico e cineasta

1 Desde sempre, acho que desde a alfabetização. Minha mãe sempre me estimulou, indo ao cinema comigo, falando de filmes do passado como *Vertigo*, *Rififi* e *Sinfonia em Paris*, que eram os preferidos dela. Conheci esses filmes muitos anos antes de vê-los de fato. A adolescência na Inglaterra, nos anos 80, me aproximou do cinema pelo VHS, a TV inglesa e os cinemas de Londres. Na Inglaterra o cinema parecia estar mais perto do que no Brasil, de alguma forma.

2 Por ter trabalhado profissionalmente como crítico, tive 12 anos de grandes mimos e prezo muito toda essa experiência e esses prazeres. Muitas viagens pelo Brasil e exterior, festivais





grandes e pequenos onde filmes são sempre apresentados em primeira mão. Para mim, há uma hierarquia de apresentação cinematográfica, e um filme deve sempre ser visto na sala de cinema para, mais tarde, ser apresentado em outros formatos. Minha formação foi toda nas grandes salas do passado que já não existem mais. Antes existiam dois prazeres, o de ir ao cinema e o de ver um filme. Sinto saudades da primeira parte. Continuo resistindo e indo ver no cinema, não obstante as condições nas quais são apresentados. Admito que muita coisa que vi recentemente foi em telas LCD, de monitores ou computadores, com alguns vistos até mesmo em iPods ou telefones celulares. Contradizendo o que escrevi, me apaixonei por certos filmes nessas condições técnicas, o que me faz perguntar: onde está, de fato, o cinema? Parece que em nós mesmos. O resto é o ritual, a tradição.

3 Eu programo o Cinema da Fundação Joaquim Nabuco há 12 anos, um exercício de compartilhamento de paixão pelo cinema. É um trabalho que adoro. Como crítico, não há, para mim, outra razão de ser desta profissão além de poder compartilhar um amor, uma visão de cinema e de mundo, algo que vai efetivamente contra o que o mercado quer impor como padrão de olhar.

4 *Vá e veja*, de Elem Klimov, 1985. *Voskhozhdeniye/A ascensão*, de Larissa Shepitko, 1976. *Superoutro*, 1989, de Edgard Navarro. *Made in Britain*, Alan Clarke, 1982. *Walkabout*, 1970, Nicolas Roeg. *The long weekend* (Austrália, 1978) Colin Eggleston.

Remier Lion | pesquisador e curador

1 Nos anos 1970, só passava coisa velha na televisão. Era uma espécie de saldão da cultura pop do século XX. Desde então fiquei viciado no visual dos filmes antigos e me liguei nas comédias musicais. Tenho certeza que esse interesse que tenho pelo *terrir*, pela proposta de cinema do Ivan Cardoso, veio de tanto ver *A festa do monstro maluco* na TV. Na década seguinte foi que mais me enquadrei nesse clichê do cinéfilo, graças ao Estação Botafogo e à reabertura da Cinemateca do MAM. Era legal porque tinha uma viagem pós-punk da época, que era calçada numa cinefilia. O Ian Curtis tinha se enforcado depois de assistir *Stroszek*, do Herzog, e a música *Bela Lugosi is dead*, do Bauhaus, era um *hit* do *underground*. Eram referências bem mais legais que o Sérgio Ricardo cantando *O sertão vai virar mar, o mar vai virar sertão*. Lembro da primeira vez que voltei pra casa com o programa da Cinemateca, totalmente alucinado com a variedade de bizarrices que estavam a minha disposição no MAM. Era muita psicodelia: assistir a filmes do Mack Sennet e do Stroheim com o Rogério Sganzerla também na plateia. Era um teatro do absurdo, um ambiente para pessoas estranhas, não ajustadas, não era coisa de gente normal, nem se compara com esse teatrinho *cult-bacaninha* que temos agora, subproduto do *neo-hippismo universitário* num mundo pós-internet dominado por tecnocratas e pela ideia de marketing cultural.

2 Vou pouco ao cinema, infelizmente. Depende de variáveis que raramente conseguem funcionar bem ao mesmo tempo. Também não tenho mais tempo livre, e não me importo em ver os filmes que me interessam no computador, acho até legal. Muito mais coisa está disponível hoje na internet do que já estive ou vai estar em qualquer cinemateca ou cineclube. Vou atrás do que me interessa.

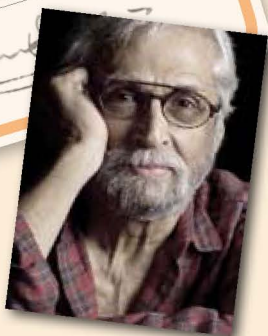
3 Ver filmes hoje, num sentido clássico, é uma coisa que definha lentamente. E fica muito ruim quando vira um pastiche vagabundo de coisas que já foram totalmente superadas. Os curadores e professores que temos aí, na maioria das vezes, são intermediários medianos, não dão conta, são agências repetidoras de informação pré-fabricada. Acho que ser cinéfilo (quer dizer, ser esse consumidor especializado de informação visual), num sentido mais sofisticado, seria desenhar um caminho próprio, diferente, e não apenas seguir toscamente os padrões que estão mais à vista, só porque você não consegue pensar por conta própria ou porque acha que isso vai “agregar” algum valor. Nossa percepção está sendo conduzida de acordo com uma lógica de consumo totalmente artificial. É preciso resistir. Sempre que posso, tento recuperar

Traité de bave et d'éternité



filmes fora de circulação, numa tentativa de mudar o cenário e desequilibrar, mesmo que por segundos, a lógica de consumo das redes dominantes de informação. É uma guerra sem fim.

4 Quase nada é mais obscuro hoje em dia, está tudo aí. Não vê quem não quer, não conhece quem não tem curiosidade. Se procurar, acha. *Rockers*, 1978, de Ted Bafaloukos; *Wild style*, 1983, de Charles Ahearn, e *New York beat movie*, 1981, de Edo Bortoglio, são filmes relativamente desconhecidos e que qualquer cinéfilo padrão vai classificar como de terceira classe, mas são referências muito importantes pra mim. E os filmes do Godard que mais gosto hoje em dia são o *Sympathy for the devil*, 1968, e também o *Soigne ta droite*, 1987, que acho uma espécie de continuação do filme com os Rolling Stones. E o filme que registra melhor e de um jeito mais clássico toda essa viagem da cinefilia, no seu sentido mais original, é o *Traité de bave et d'éternité*, 1951, do Isidore Isou. E na minha notória e desenfreada campanha por um cinema brasileiro péssimo e livre, gostaria de destacar dessa vez três experiências de cinema absolutamente geniais e clássicas: *Bonecas diabólicas*, 1975, do Flávio Nogueira; *Fábrica de camisinhas*, 1982, do Ary Fernandes; e *Uma aventura aos 40*, 1947, do Silveira Sampaio. Aliás, este último tem tudo a ver com o filme do Isidore Isou.



Sérgio Brito | ator

1 Meu pai me levava ao teatro, mas ao cinema eu ia sozinho desde os 10 anos (estou com 87), pois na calçada da minha casa, na rua Barão de Mesquita, ficava o cinema Hélios, onde eu ia três vezes por semana. Um porteiro muito feio, o Zé Macaco, me deixava entrar mesmo nos filmes proibidos para menores, mas me tirava da sala um pouco antes de terminar, para ninguém descobrir, e depois me contava o final. Lembro especialmente das matinês de domingo: comédias de 10 minutos com a Zasu Pitts e a Thelma Todd, os filmes seriados. O teatro só entrou pra valer na minha vida em 1943 com *Vestido de noiva*. A primeira paixão foi o cinema.

2 Quando surgiu o VHS foi uma febre, iniciei uma coleção que chegou a 10 mil filmes. Fazia uma reunião semanal em casa com amigos, virou até o tema de uma peça do Mauro Rasi, *Baile de máscaras*. Aí pude fazer retrospectivas maravilhosas e conhecer a fundo o expressionismo alemão, as comédias americanas dos anos 30/40, uma maravilha. Hoje me desfiz de tudo, já que se acha tudo pra comprar em DVD numa qualidade bem superior. E voltei às salas de cinema, onde vou sempre que posso.

3 Às vezes acontece que algum jovem, ou outra pessoa qualquer, que preze minha opinião, peça uma dica. E tem o meu programa na TV Brasil, cujo objetivo não é esse, mas acaba servindo também para isso.

4 Eu gosto mesmo é de *Intolerância*, do Griffith; de *Greed*, do Von Stroheim; e de *Fanny e Alexander*, do Bergman, que não são nada desconhecidos. Mas *Broken lullaby*, de 1932, do Lubitsch, um filme de guerra, merece o título de "obra-prima desconhecida". No Brasil se chamou *Não matará*s. Esse eu tirei do fundo do baú.